

A EXTENSÃO INDEFINIDA DO MUNDO E A CONSEQUENTE CRÍTICA CARTESIANA AO ANTROPOCENTRISMO

*Carta de Descartes a Chanut,
6 de junho de 1647*

Rafael Teruel Coelho (tradutor)¹

Universidade de São Paulo

 0000-0003-2573-1902

DOI: 10.36942/rfim.v6i1.1594

Resumo: Trata-se de uma carta de Descartes escrita a Pierre Chanut em 6 de junho de 1647. Nesta carta, Descartes esclarece qual a sua concepção acerca da extensão do universo, caracterizando-a como indefinida. Aliás, é nesse contexto que o filósofo comenta o interesse de Cristina, monarca sueca, por questões filosóficas. É também nessa carta que Descartes critica o antropocentrismo de inspiração teológica, afirmando a possibilidade de existirem criaturas inteligentes em outras estrelas. É por isso que o presente texto escrito para Chanut é de peculiar relevância para os estudos cartesianos, pois nele o autor trata de maneira inédita de temas teológicos, físicos e especulativos.

Palavras-chave: Universo; Antropocentrismo; Teologia.

The Indefinite Extension of the World and the Resulting Cartesian Critique of Anthropocentrism: Letter from Descartes to Chanut, June 6, 1647

Abstract: This text concerns a letter written by Descartes to Pierre Chanut on June 6, 1647. In this letter, Descartes clarifies his conception of the extent of the universe, characterizing it as indefinite. It is within this context that the philosopher discusses the interest shown by Christina, the Swedish monarch, in philosophical questions. Furthermore, in this letter, Descartes criticizes theologically inspired anthropocentrism, asserting the possibility that intelligent creatures may exist around other stars. Consequently, this text addressed to Chanut holds particular significance for Cartesian

1 Somos gratos à Fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que, por meio de uma bolsa de estudos (processo nº 21/14838-2), tornou possível a realização desta tradução. Agradecemos também ao Prof. Dr. Luís César Guimarães Oliva por fazer apontamentos à primeira versão desta tradução.

studies, as the author deals with theological, physical, and speculative themes in a novel way.

Keywords: Universe; Anthropocentrism; Theology.

La Extensión Indefinida del mundo y la Consecuente Crítica Cartesiana al Antropocentrismo: Carta de Descartes a Chanut, 6 de junio de 1647

Resumen: Esta es una carta de Descartes a Pierre Chanut, fechada el 6 de junio de 1647. En ella, Descartes aclara su concepción de la extensión del universo, caracterizándolo como indefinido. Además, en este contexto, el filósofo comenta el interés de Cristina, la monarca sueca, por cuestiones filosóficas. También en esta carta, Descartes critica el antropocentrismo de la inspiración teológica, afirmando la posibilidad de que existan seres inteligentes en otros planetas. Por ello, este texto, escrito para Chanut, reviste especial relevancia para los estudios cartesianos, ya que el autor aborda temas teológicos, físicos y especulativos de una manera sin precedentes.

Palabras-clave: Universo; Antropocentrismo; Teología.

Nota do tradutor:

A carta de Descartes a Chanut de 6 de junho de 1647 é preciosa por algumas razões. A primeira delas é o fato de que esta breve carta nos revela algo peculiar acerca da concepção cartesiana a respeito de uma das querelas renascentistas clássicas, como é o caso da polêmica quinhentista que gravitava ao redor da extensão do mundo criado. Seria a grandeza do mundo infinita, como defendia o célebre cardeal Nicolau de Cusa, ou a sua extensão seria apenas indefinida? Ora, é evidente que, na época de Descartes, sob o jugo da autoridade eclesiástica, valer-se de um adjetivo para caracterizar o mundo natural que, em geral, a tradição teológica atribuía ao Criador (e jamais à criatura) seria algo problemático. Daí a sutileza do filósofo em valer-se do termo *indefinido* ao invés de *infinito* (característica divina por excelência, pois só Deus é infinito em todos os seus atributos) para se referir à grandeza do universo.

Entretanto, ao percorrermos a carta, vemos claramente que a extensão indefinida do mundo em Descartes não é um mero subterfúgio retórico cujo fim seria aquele de ludibriar os inquisidores e livrar o filósofo da condenação. Diversamente, trata-se de um pressuposto fundado na própria física cartesiana. Tendo em vista que para Descartes não

é possível provar a existência de limites na matéria da qual o mundo é feito e partindo do pressuposto de que o vazio é inexistente no universo cartesiano (pois um nada de espaço é inconcebível), o pensador argumenta que embora o mundo não seja infinito, ele é indefinido, resguardando assim aquele adjetivo a Deus. Desse modo, a hipótese do mundo indefinido é um corolário necessário da natureza da extensão em Descartes, natureza esta que se reduz à sua tridimensionalidade e que faz do vazio algo inexistente. Portanto, a tese da inexistência do vazio fundamenta aquela da extensão indefinida do mundo.

Ademais, é interessante destacar também que a mesma missiva não constitui apenas um documento histórico incontestado do apreço de Descartes por questões dessa natureza, mas ela nos faz conhecer também o genuíno interesse de Cristina, rainha da Suécia, por temas que envolvem Filosofia, Física, Astronomia e Teologia. Assim, a presente carta do filósofo a seu amigo Pierre Chanut, embaixador francês na Suécia à época de Descartes, serve também aos estudos contemporâneos sobre a atuação das mulheres na história da Filosofia, da Física, da Astronomia (dentre outros domínios), pois ela oferece aos interessados muitas informações relevantes acerca da familiaridade de uma mulher com determinados temas filosófico-científicos em discussão na modernidade seiscentista.

Ao longo da carta, Descartes desenvolve uma das consequências de sua visão sobre a extensão indefinida do mundo, fazendo com que suas discussões sobre Física e Astronomia culminassem em objeções ao antropocentrismo de inspiração teológica, bíblica por assim dizer. É por isso que, ao evocar o relato da criação conforme descrito no primeiro livro do Pentateuco, o Gênesis, Descartes critica os teólogos que sustentam que toda a criação foi feita para servir ao homem, de modo que este seria o seu fim supremo e sobrenatural. Assim, o mesmo autor do *Discurso do método* que afirmou em sua sexta parte que os homens deveriam ser os “*maîtres & possesseurs de la nature*” (AT VI 62) criticou o antropocentrismo que serve de base a esta mesma tese, afirmando perante Chanut que não somos obrigados a crer que o ser humano seja o fim último da criação. Além disso, a despeito do jugo da inquisição, Descartes arriscou-se a realizar em sua carta uma breve exegese bíblica, argumentando que o relato da criação é antropomórfico, haja vista que, sendo escrito pelo próprio homem, tem ele como o centro da narrativa, o que certamente relativiza a interpretação da Sagrada Escritura. É por isso que, na visão de Descartes, o

livro do Gênesis faz-nos crer que a finalidade da criação do mundo repousa sobre o bem-estar do homem em detrimento das outras criaturas, embora tal tese eclipse possíveis outras finalidades da gênese do universo que certamente contemplariam outros seres além do humano. Por fim, em virtude ainda da extensão indefinida do mundo, Descartes aventa claramente a possibilidade da existência de outras “criaturas inteligentes”, habitantes de outras estrelas, embora não ofereça ao seu leitor uma resposta afirmativa ou negativa para a questão.

Por fim, nesta breve carta de Descartes a Chanut de junho de 1647, vemos um filósofo bastante irreverente que aludia à possibilidade (mesmo que obscura e confusa, inconclusa) da existência de seres inteligentes que supostamente habitariam nas estrelas. Testemunhamos também Descartes ler a Bíblia à sua maneira e criticar a forma canônica de interpretar a Sagrada escritura, culpando os clérigos por incutirem nos fiéis um antropocentrismo teológico equivocado. Vemos também Descartes refletir sobre o mistério da encarnação do Filho de Deus no mundo, e, ao fim da missiva, confessar ter se apaixonado quando mais jovem. É por isso que a leitura da carta a Chanut é indispensável aos estudiosos de Descartes, pois nela a clareza na exposição de seu pensamento permanece incontestável, mesmo que suas ideias não sejam, como aquelas de sua metafísica, fortemente claras e distintas.

Tradução

[736]²

A Chanut

6 de junho de 1647

Senhor,

2 Paginação referente ao tomo III das *Oeuvres philosophiques* de Descartes organizadas por Alquié. Cf. as referências bibliográficas. A mesma carta pode ser consultada no tomo V das *Oeuvres de Descartes* (pp. 50-58), organizadas por Charles Adam & Paul Tannery, edição da qual também nos valem os determinados momentos durante a feitura da presente tradução.

Como eu estava de passagem por aqui a caminho da França, soube por meio do senhor Brasset que ele me havia enviado suas cartas para Egmond, e, embora minha viagem fosse apressada, eu me propus a esperá-las. Contudo, tendo-as recebido em meu alojamento três horas depois de minha partida, elas me foram imediatamente reenviadas. Li-as com avidez. Nelas encontrei grandes provas de sua amizade e de sua maestria. Ao ler as primeiras páginas nas quais me diz que o senhor Du Rier havia falado para a rainha de uma de minhas cartas e que ela pedia para vê-la, tive medo. Depois, tranquilizei-me quando cheguei à altura de sua carta em que escreve que ela escutou sua leitura com alguma satisfação; e estou em dúvida se fui tocado mais pela admiração pelo fato de que ela tão facilmente entendeu coisas que os mais doutos estimam muito obscuras, ou se pela alegria por elas não lhe terem desagradado. Mas minha admiração redobrou quando vi a força e o peso das objeções que Sua Majestade fez no que concerne à grandeza que atribuí ao universo. Gostaria que sua carta me tivesse sido entregue em minha casa, pois lá, podendo recolher melhor o meu espírito do que no quarto de uma hospedaria, talvez eu teria podido esclarecer um pouco melhor uma questão tão difícil e tão judiciosamente proposta. Todavia, não pretendo que isso me sirva de desculpa e, desde que me seja permitido pensar que é apenas ao senhor que estou escrevendo a fim de que a veneração [737] e o respeito não tornem minha imaginação muito confusa, esforçar-me-ei aqui para escrever tudo o que posso dizer no tocante a essa matéria.

Em primeiro lugar, lembro-me de que o Cardeal de Cusa e vários outros doutores supuseram que o mundo fosse infinito, sem que, por isso, eles jamais tivessem sido censurados pela Igreja; ao contrário, cremos que é honrar a Deus fazer conceber as suas obras como grandiosas. E minha opinião é menos difícil de ser recebida do que a deles, pois não digo que o mundo seja *infinito*, mas apenas *indefinido*. Nisto existe uma diferença muito notável: pois para dizer que uma coisa é infinita, devemos ter alguma razão que a faça conhecer como tal, o que podemos ter unicamente de Deus; mas para dizer que ela é indefinida, basta não ter razão pela qual possamos provar que ela tenha limites. Assim, parece-me que não podemos provar, tampouco conceber, que haja limites na matéria da qual o mundo é composto. Pois, examinando a natureza dessa matéria, penso que ela não consiste em outra coisa a não ser naquilo que ela possui de extensão em comprimento, largura

e profundidade, de modo que tudo o que tem essas três dimensões é uma parte dessa matéria; e não pode haver nela nenhum espaço inteiramente vazio, isto é, que não contenha matéria alguma, porque não poderíamos conceber um tal espaço em que não conceberíamos essas três dimensões e, por conseguinte, matéria. Ora, supondo que o mundo seja finito, imaginamos para além desses limites alguns espaços que possuem suas três dimensões, e, desse modo, que não são puramente imaginários, como os filósofos os denominam, mas contêm em si matéria, a qual, não podendo estar em outro lugar a não ser no mundo, faz ver que ele se estende para além dos limites que teríamos querido atribuir-lhe. Então, não possuindo nenhuma razão para provar, e até mesmo não podendo conceber que o mundo tenha limites, eu o denomino *indefinido*. Mas não posso negar, por isso, que não haja talvez alguns limites que são conhecidos por Deus, embora me sejam incompreensíveis: [738] é por isso que não digo absolutamente que ele é *infinito*.

Quando sua extensão é considerada dessa forma, se a comparamos com sua duração, parece-me que ela dá somente ocasião de pensar que não há tempo imaginável, antes da criação do mundo, em que Deus não teria podido criá-lo se ele assim tivesse desejado; e que, em virtude disso, não há motivo para concluir que ele o criou verdadeiramente antes de um tempo indefinido, pois a existência atual ou verdadeira que o mundo tem há cinco ou seis mil anos não está necessariamente unida com a existência possível ou imaginária que ele pôde ter anteriormente; assim como a existência atual de espaços que concebemos ao redor de um globo (isto é, do mundo suposto como *finito*) está unida à existência atual do mesmo globo. Além disso, se da extensão indefinida do mundo pudéssemos inferir a eternidade de sua duração com relação ao tempo passado, poderíamos inferi-la ainda melhor da eternidade da duração que deve ter no futuro. Pois a fé nos ensina que, ainda que a terra e os céus vão perecer, isto é, vão mudar de figura [*face*], o mundo, entretanto, isto é, a matéria da qual eles são compostos, jamais perecerá; como se evidencia pelo fato de que ela promete uma vida eterna aos nossos corpos após a ressurreição e, por conseguinte, também ao mundo no qual eles estarão. Mas, dessa duração infinita que o mundo deve ter no futuro, não se infere que ele tenha sido antes desde toda a eternidade, pois todos os momentos de sua duração são independentes uns dos outros.

No que concerne às prerrogativas que a religião atribui ao homem, e que parecem difíceis de acreditar, se a extensão do universo é suposta indefinida, elas merecem alguma

explicação. Pois, embora possamos dizer que todas as coisas criadas são feitas para nós, dado que delas podemos usufruir, contudo, não sei se somos obrigados a acreditar que o homem seja o fim da criação. Mas diz-se que *omnia propter ipsum* (Deum) *facta sunt*, que somente Deus [739] é a causa final, tanto quanto a causa eficiente do Universo; e, no que concerne às criaturas, haja vista que elas servem reciprocamente umas às outras, cada qual pode atribuir a si essa vantagem, [a saber], de que todas aquelas que lhe servem são feitas para ela. É verdade que os seis dias da criação estão descritos no Gênese de tal maneira que parece que o homem seja dela o motivo principal; mas pode-se dizer que nessa história do Gênese, tendo sido escrita pelo homem, são principalmente as coisas que lhe dizem respeito que o Espírito Santo quis especificar ali, e que não se falou de nenhuma outra a não ser enquanto ela se relaciona com o homem. E por que os pregadores, cuidando de nos incitar ao amor a Deus, têm o costume de nos representar os diversos usos que fazemos das outras criaturas, dizem que Deus as fez para nós e não nos fazem considerar os outros fins para os quais pode-se também dizer que ele as fez, pois isso não serve aos seus propósitos, somos muito inclinados a crer que ele as fez apenas para nós. Mas os pregadores vão além: pois eles dizem que cada homem em particular é devedor de Jesus Cristo por todo o sangue que ele derramou na cruz, como se tivesse morrido apenas por um [homem]. Nisso eles dizem a verdade, mas como isso não impede que ele tenha redimido com esse mesmo sangue um grande número de outros homens, assim, não vejo como o mistério da Encarnação, e todos os outros favores que Deus fez ao homem, impedem que ele possa ter feito uma infinidade de outros favores muito grandes a uma infinidade de outras criaturas. E ainda que eu não infira por isso que haja criaturas inteligentes nas estrelas ou alhures, não vejo tampouco que haja alguma razão por meio da qual possamos provar que elas não existam; [740] mas deixo sempre indecidas as questões dessa natureza, ao invés de negá-las ou assegurá-las. Parece-me que não resta mais outra dificuldade, senão que após ter acreditado por longo tempo que o homem tem grandes vantagens sobre as outras criaturas, parece que se perdem todas quando se vem a mudar de opinião. Mas distingo entre os nossos bens que podem se tornar menores pelo fato de que outros podem ter bens parecidos, daqueles que isso não pode tornar menores. Assim, um homem que possui apenas mil pistolas seria muito rico, se não houvesse outras pessoas no mundo que tivessem tanto quanto ele; e o mesmo seria muito pobre, se não houvesse ninguém

que não tivesse muito mais. E assim, todas as qualidades louváveis dão tanto mais glória àqueles que as têm quanto mais elas se encontrem em um menor número de pessoas; e é por isso que temos o costume de invejar a glória e as riquezas dos outros. Mas a virtude, a ciência, a saúde e geralmente todos os outros bens, sendo considerados neles mesmos e sem serem relacionados à glória, não são de modo algum menores em nós pelo fato de eles se encontrarem também em muitas outras pessoas; e é por isso que não temos nenhum motivo para ficar aborrecidos por vários os possuírem. Ora, os bens que podem existir em todas as criaturas inteligentes de um mundo indefinido são desse número; e eles não tornam menores aqueles que nós possuímos. Ao contrário, quando nós amamos a Deus e por ele nos unimos voluntariamente com todas as coisas que ele criou, quanto mais as concebemos maiores, mais nobres e mais perfeitas, tanto mais nós também nos estimamos pelo fato de que somos partes de um todo mais perfeito; e tanto mais temos motivos de louvar a Deus por causa da imensidade de suas obras. Quando a Escritura santa fala, em diversas passagens, da multidão inumerável de anjos, ela confirma inteiramente essa opinião: pois julgamos que os menores anjos são incomparavelmente mais perfeitos do que os homens. E os astrônomos, [741] que medindo a grandeza das estrelas as acham muito maiores do que a terra, também confirmam a mesma opinião; pois, se da extensão indefinida do mundo inferimos que devam existir habitantes em outros lugares além da Terra, podemos inferir isso também da extensão que todos os astrônomos lhe atribuem; já que não há nenhum astrônomo que não julgue que a Terra é menor, com relação a todo o céu, do que um grão de areia comparado a uma montanha.

Passo agora à sua questão no tocante às causas que nos incitam frequentemente a amar uma pessoa ao invés de uma outra antes que conheçamos o seu mérito; e destaco duas causas, que estão, uma no espírito, outra no corpo. Mas no que concerne àquela que está só no espírito, ela pressupõe tantas coisas no tocante à natureza de nossas almas que eu não ousaria começar a deduzi-las em uma carta. Falarei apenas da causa do corpo. Ela consiste na disposição das partes de nosso cérebro, seja que tal disposição tenha sido impressa nele pelos objetos dos sentidos, seja por qualquer outra causa. Pois os objetos que tocam os nossos sentidos movem por intermédio dos nervos algumas partes de nosso cérebro e criam nele como que certas dobras que se desfazem quando o objeto cessa de agir; mas a parte na qual elas foram dobradas permanece daí em diante disposta a ser

dobrada novamente do mesmo modo por um outro objeto que se assemelhe de alguma forma ao precedente, ainda que ele não se assemelhe completamente a ele. Por exemplo, quando eu era criança, amava uma menina de minha idade que era um pouco estrábica; por isso, a impressão que se formava por meio da visão em meu cérebro quando eu via os seus olhos tortos [*égars*] se unia de tal maneira àquela que se fazia ali também para mover em mim a paixão do amor, que longo tempo depois, ao ver pessoas estrábicas, sentia-me mais inclinado a amá-las do que a outras unicamente pelo fato de que elas tinham esse defeito; e, contudo, eu ignorava que isso se dava por essa razão. Ao contrário, a partir do momento em que refleti sobre isso e que reconheci que se tratava de um defeito, [742] não mais fui comovido por isso. Assim, quando somos levados a amar alguém sem que saibamos a causa, podemos crer que isso se dá porque existe alguma coisa semelhante nessa pessoa àquilo que estava em um outro objeto que amamos anteriormente, ainda que nós não saibamos o que seja. E ainda que seja mais comumente uma perfeição do que um defeito o que nos atrai ao amor, todavia, pelo fato de que o que nos atrai possa ser um defeito, como no exemplo que eu dei, um homem sábio não deve se deixar inteiramente levar por essa paixão antes de ter considerado o mérito da pessoa pela qual nós nos sentimos comovidos. Mas, em virtude de não podermos amar igualmente todos aqueles em que notamos méritos iguais, creio que sejamos somente obrigados a estimá-los igualmente; e que, sendo o bem principal da vida ter amizade por algumas pessoas, temos razão em preferir aqueles a quem nossas inclinações secretas nos unem, desde que notemos méritos neles também. Além disso, quando essas inclinações secretas têm sua causa no espírito e não no corpo, creio que elas devem sempre ser seguidas, e a marca principal que as faz serem reconhecidas é que aquelas que vêm do espírito são recíprocas, o que não ocorre frequentemente com as outras. Mas as provas que tenho de sua afeição asseguram-me tão fortemente que a inclinação que tenho pelo senhor é recíproca, que seria necessário que eu fosse inteiramente ingrato e que não observasse todas as regras que creio deverem ser observadas na amizade se eu não lhe fosse bastante zeloso etc.

Referências:

- DESCARTES, R. “Lettre a Chanut : 6 juin 1647” (1647). In: DESCARTES, R. **Oeuvres Philosophiques - Tome III, (1643-1650)**. Textos organizados, apresentados e anotados por Ferdinand Alquié. Paris : Éditions Garnier, 1973.
- DESCARTES, R. “Discours de la méthode & essais (VI)”. In: DESCARTES, R. **Oeuvres de Descartes**. Textos organizados por Charles Adam e Paul Tannery. Paris : Librairie philosophique J. Vrin, 1982.
- DESCARTES, R. “Correspondance (V)”. In: DESCARTES, R. **Oeuvres de Descartes**. Textos organizados por Charles Adam e Paul Tannery. Paris : Librairie philosophique J. Vrin, 1982.

Rafael Teruel Coelho é doutorando em História da Filosofia Moderna pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), na qual se tornou mestre no ano de 2021. De março de 2024 a fevereiro de 2025, desenvolveu um estágio de pesquisa doutoral na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, sob a supervisão do Prof. Dr. Paul Rateau. Em 2016, graduou-se em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), durante a qual realizou um período de mobilidade internacional (graduação-sanduíche) na Universidade de Coimbra - Portugal (2014). Atualmente, é bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e desenvolve pesquisas acerca da filosofia de Elisabeth da Boêmia e de René Descartes, sobretudo no que concerne à natureza da alma e da união substancial. Interessa-se por temas concernentes à metafísica seiscentista, especialmente conforme tratada no contexto dos pensamentos filosóficos de Elisabeth da Boêmia, René Descartes, Baruch de Espinosa e Nicolas Malebranche. Desde 2019 é membro do Grupo de Estudos Espinosanos da Universidade de São Paulo.

Tradução recebida em 15 de maio de 2026 e aceita em 17 de julho de 2026.